



A CIDADE COMO TERRITÓRIO DO BRINCAR: CONTRIBUIÇÕES DAS CRIANÇAS ARAPIRAQUENSES PARA A (RE)QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.

EIXO TEMÁTICO: “OUTRAS” HISTÓRIAS?

SANTOS, Amanda

Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal de Alagoas *Campus Arapiraca*
amanda.cristina@arapiraca.ufal.br

SOUZA, Ana

Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal de Alagoas *Campus Arapiraca*
ana.luiza@arapiraca.ufal.br

NUNES, Maria

Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal de Alagoas *Campus Arapiraca*
maria.cecilia@arapiraca.ufal.br

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo realizado em 2024 focado nas experiências urbanas de crianças da cidade de Arapiraca, no estado de Alagoas, com foco na mobilidade urbana e na adaptação de espaços públicos às necessidades infantis. Primeiramente, é oferecida uma breve contextualização da representação das crianças nos espaços públicos e do direito de brincar, seguida de uma análise da mobilidade como ferramenta fundamental de acesso ao ambiente urbano. Esses temas nortearam a abordagem empírica da pesquisa, que contou com a participação de 26 crianças, entre 6 e 7 anos, de duas escolas do município, uma pública e outra privada. O estudo, intitulado ‘A CIDADE COMO TERRITÓRIO DO BRINCAR: CONTRIBUIÇÕES DAS CRIANÇAS ARAPIRAQUENSES PARA A (RE)QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO’, utilizou desenhos para a coleta dos dados, captando as percepções das crianças sobre o ambiente urbano e suas necessidades, partindo dos percursos que percorrem diariamente de casa para a escola, seja a pé, de moto ou de carro. A metodologia utilizada buscou dar voz às crianças e estimular a sua participação social nas discussões de interesse público, contribuindo para a formulação de políticas sociais e de um planejamento urbano mais inclusivo. Como resultado, percebeu-se a demanda por mais espaços de lazer e a revitalização dos existentes, bem como melhorias na infraestrutura urbana para garantir acesso seguro e equitativo, essencial para um desenvolvimento infantil saudável.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; criança; mobilidade; políticas públicas; vivências urbanas.

ABSTRACT

This article presents a study conducted in 2024 focused on the urban experiences of children in the city of Arapiraca, in the state of Alagoas, with a focus on urban mobility and the adaptation of public spaces to children's needs. Initially, a brief contextualization is provided on the representation of children in public spaces and the right to play, followed by an analysis of mobility as a fundamental tool for accessing the urban environment. These themes guided the empirical approach of the research, which involved 26 children, aged 6 to 7 years, from two schools in the municipality, one public and one private. The study, titled "THE CITY AS A PLAY TERRITORY: CONTRIBUTIONS OF ARAPIRAQUENSE CHILDREN TO THE (RE)QUALIFICATION OF URBAN SPACE," used drawings to collect data, capturing children's perceptions of the urban environment and their needs, based on the routes they take daily from home to school, whether on foot, by motorcycle, or by car. This methodology aims to give voice to children and stimulate their social participation in discussions of public interest, contributing to the formulation of social policies and more inclusive urban planning. As a result, there was a demand for more recreational spaces and the revitalization of existing ones, as well as improvements in urban infrastructure to ensure safe and equity access, essential for healthy child development.

KEY-WORDS: *city; child; mobility; public policies; urban experiences.*

RESUMEN

Este artículo presenta un estudio realizado en 2024 centrado en las experiencias urbanas de niños en la ciudad de Arapiraca, estado de Alagoas, con un enfoque en la movilidad urbana y la adaptación de espacios públicos a las necesidades para niños. En primer lugar se ofrece una breve contextualización de la representación de los niños en los espacios públicos y del derecho al juego, seguida de un análisis de la movilidad como herramienta fundamental para acceder al entorno urbano. Estos temas guiaron el enfoque empírico de la investigación, que incluyó la participación de 26 niños de entre 6 y 7 años de edad, pertenecientes a dos escuelas del municipio (una pública y otra privada). El estudio, titulado "LA CIUDAD COMO TERRITORIO DEL JUEGO: CONTRIBUCIONES DE LOS NIÑOS ARAPIRAQUENSES A LA (RE)CALIFICACIÓN DEL ESPACIO URBANO", utilizó dibujos para la recopilación de datos, capturando las percepciones de los niños sobre el entorno urbano y sus necesidades, desde los trayectos que realizan diariamente de casa a la escuela, ya sea a pie, en moto o en auto. La metodología empleada buscó dar voz a los niños y fomentar su participación social en discusiones de interés público, contribuyendo a la formulación de políticas sociales y a una planificación urbana más inclusiva. Como resultado, se observó la demanda por más espacios recreativos y la revitalización de los existentes, así como mejoras en la infraestructura urbana para garantizar un acceso seguro y equitativo, fundamental para un desarrollo infantil saludable.

PALABRAS CLAVE: *ciudad; niño; movilidad; políticas públicas; experiencias urbanas.*

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, mesmo antes da concepção dos primeiros centros urbanos, a participação cidadã tem sido um privilégio reservado a determinados grupos sociais. No entanto, parcelas da população permaneceram excluídas e frequentemente negligenciadas, dentre essas, as crianças. Embora a sua presença seja evidente, a voz e a participação ativa desses indivíduos na sociedade tem sido subestimada e pouco valorizada.

Foi somente com o surgimento da infância no século XVIII, que as crianças começaram a ser reconhecidas de forma mais significativa, como indivíduos com lugar no corpo social. Contudo, permaneceram e ainda permanecem sem ter suas vozes ouvidas de forma assertiva até quando se trata de decisões que interferem diretamente em suas existências. Esse cenário é descrito na própria etimologia da palavra ‘infância’, que tem origem no latim ‘infantia’, do verbo *fari* = falar, onde *fan* = falante e *in* constitui a negação do verbo, ou seja, se refere ao indivíduo que não é capaz de falar.

Sabe-se que toda e qualquer criança deve ser vista como um ser dotado de aspectos culturais, sociais e de direitos, que são inteiramente capazes de participar e contribuir com o desenvolvimento de questões que impactam suas vidas, gerando conhecimento, debatendo e sugerindo soluções por meio de diversas formas de expressão. Com isso, é urgente promover ambientes de acolhimento, com vivências e escutas, reconhecendo seus saberes, para estabelecer o convívio no meio urbano, assim como é preciso rediscutir a forma com que os espaços na cidade são utilizados e se consideram a participação ativa de todos os seus cidadãos, sem distinção.

Muitas vezes, a infância fica limitada principalmente ao ambiente familiar e à escola, o que reduz sua interação com espaços públicos urbanos e comunitários. Esta restrição representa um desafio, já que esses lugares desempenham um papel fundamental no que diz respeito à diversidade e no exercício da cidadania, pois são responsáveis por proporcionar experiências de autonomia, de curiosidade, de criatividade e de uma vivência urbana mais enriquecedora e mais inclusiva.

Neste sentido, é válido abordar a questão da mobilidade como ferramenta de acesso à cidade. Garantir uma infraestrutura segura e acessível, composta por calçadas largas e bem iluminadas, sinalização adequada e limites de velocidade controlados, é essencial para permitir que as crianças explorem e interajam com a cidade de forma independente, assim como a criação de espaços de lazer e atividades recreativas ao longo dos trajetos pode tornar o caminhar mais agradável e estimulante, nutrindo o sentimento de pertencimento.

A partir disso, este estudo objetiva apresentar o olhar das crianças sobre a cidade, partindo do que experienciam nos deslocamentos que fazem de suas residências para os ambientes escolares cotidianamente. Os procedimentos metodológicos envolveram: revisão bibliográfica em livros, trabalhos acadêmicos, revistas e publicações virtuais referentes aos temas que abrangem este trabalho, relacionando-os: os espaços públicos para as crianças, o direito ao brincar e a mobilidade como ferramenta de garantia do direito à cidade. Seguidamente, a pesquisa envolveu duas atividades de escuta, tendo a participação de 15 crianças de escola pública (Escola de Ensino Fundamental 31 de Março) e 11 crianças de escola particular (Escola de Educação Básica Castelo Encantado), ambas da cidade de Arapiraca, com idades entre 6 e 7 anos, do 1º ano do fundamental.

Para a coleta de dados, optou-se por utilizar os desenhos, por ser uma das principais ferramentas de ensino nos primeiros anos escolares e não causar dificuldades ou estranheza por parte do público estudado. É importante frisar que durante as escutas, houve o incentivo a expressar o que mais gostam e o que menos gostam em seu trajeto diário, identificando problemas e sugerindo melhorias. Além disso, foram convidadas a imaginar como seria a cidade ideal para elas. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais profunda das perspectivas infantis e proporcionou novos entendimentos para o planejamento urbano inclusivo e orientado às necessidades das crianças em Arapiraca-Alagoas.

DESAFIOS DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: BARREIRAS À LIVRE EXPRESSÃO E DESENVOLVIMENTO

No 'planejamento' dos centros urbanos, raramente são considerados os desejos e as necessidades de todos os segmentos sociais. Os titulares do poder e os responsáveis políticos das localidades muitas vezes não demonstram vontade para escutar as inquietações e requisições dos indivíduos, especialmente das crianças, que são frequentemente encaradas como dependentes, sem reconhecimento pleno do direito à participação. Como resultado, permanecem "invisíveis" nos processos de tomada de decisão que afetam suas condições de vida e de interação social, refletindo a predominância do controle dos adultos sobre a infância.

Nesse cenário, as crianças veem sua liberdade de movimento cerceada e são privadas da oportunidade de desenvolver uma percepção própria e autêntica da cidade. São confinadas em espaços restritos e supervisionados, limitando a criatividade e restringidas à experiência de inúmeras descobertas. Esse processo resulta na formação de cidadãos que são incapazes de participar ativamente na construção de uma sociedade mais consciente, mais democrática e mais harmoniosa. Como aponta Sarmento (2008, p.4:) a cidade tem se tornado "[...] restritora da autonomia das crianças, mais limitadora dos espaços, mais ameaçadora da segurança, mais indutora de formas globalizadas de colonização pelo consumo, mais potenciadora das desigualdades (nomeadamente no acesso à espaços, à bens e à serviços urbanos)".

Os espaços públicos, por sua vez, ultrapassam a designação de somente "locais urbanos", transformando-se em ambientes onde as interações entre as pessoas se entrelaçam e os laços comunitários se fortificam. Originalmente, são concebidos como áreas de convívio e de interação social, no entanto, para as crianças, que estão em uma fase de exploração do mundo ao seu redor e formação de sua identidade, esses espaços frequentemente se convertem em cenários de desafios e obstáculos que limitam sua capacidade de expressão livre e desenvolvimento pleno.

As crianças devem e precisam utilizar os espaços públicos como extensões de seus lares, onde podem explorar, brincar e interagir com o mundo ao seu redor. É corriqueiro, no contexto urbano, visualizar ambientes que não atendem às suas necessidades específicas, erguendo barreiras que as impedem de desfrutar plenamente de suas vivências, como: a escassez de áreas de lazer adequadas e parques infantis mal conservados ou equipados inadequadamente, ambos privam as crianças de oportunidades para brincar livremente e aprimorar suas habilidades físicas e sociais.

Ao criar espaços públicos que contemplam a diversidade e que respeitam as particularidades comuns da infância, como estatura, necessidade de estímulos sensoriais, curiosidade por elementos da natureza, participação ativa e entre outros, se constroem comunidades mais acolhedoras, empáticas e resilientes, em que os indivíduos reconhecem a cidade como um local que possibilita o exercício pleno da cidadania, promovendo, assim, o senso de pertencimento e de inclusão, além de enriquecer sua experiência ao possibilitar oportunidades de aprendizado.

Diante desse cenário, torna-se essencial repensar o ambiente urbano como um espaço inclusivo e acolhedor para as crianças, onde a sua liberdade e o seu desenvolvimento sejam prioritários, explorando o direito ao brincar, de forma que seja uma ferramenta crucial na transformação desses espaços urbanos, promovendo o bem-estar infantil e fortalecendo a conexão das crianças com o ambiente urbano de maneira positiva.

O DIREITO DO BRINCAR: COMO A CIDADE PODE CUIDAR DAS CRIANÇAS?

O ato de brincar vai além da diversão, é uma prática social fundamental que não só compõe a infância, mas também define a maneira como as crianças interagem com o mundo ao seu redor e, desde 13 de julho de 1990 se tornou um direito garantido pela Lei n.º 8.069, também conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (1990, p.30):

Art. 17. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão organizar e estimular a criação de espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, **o brincar** e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de crianças, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades.

Nas ruas, nos pátios das escolas, nas praças, nos parques e nos espaços coletivos de lazer, o brincar estimula a socialização e promove a partilha de saberes entre as crianças das mais variadas idades. Ao brincar, as crianças exercem suas ações no mundo, reafirmando as suas habilidades e os seus saberes de participação no ambiente que as cerca e desempenhando um papel importante no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, uma vez que a diversão se torna também um momento de aprendizado. No entanto, o acesso a esses espaços de brincadeira nem sempre é igualitário. Em muitas áreas urbanas, a falta de infraestrutura adequada, a insegurança nas ruas, a escassez de áreas verdes e a falta de equipamentos públicos limitam intensamente as oportunidades de brincar ao ar livre, afetando negativamente a relação da criança com a cidade em que mora.

Pensar na requalificação do espaço urbano como um meio de garantir que todas as crianças tenham acesso a ambientes seguros e estimulantes para brincar é urgente, haja vista que a cidade é um agente formador a partir do momento em que acolhe, educa e promove bem-estar e qualidade de serviços. Desta forma, o Estado possui o compromisso com o planejamento urbano equitativo, visando a construção de espaços públicos adequados para as atividades infantis e garantindo o direito à cidade, para que sejam construídos territórios do brincar, com áreas em que as crianças possam experienciar a cidade integralmente.

A MOBILIDADE COMO FERRAMENTA DE ACESSO AO URBANO

A mobilidade, no contexto da infância, se mostra como temática de extrema importância atualmente por ser um processo no qual a criança, à medida que cresce, tem a chance de explorar os ambientes ao seu redor e construir memórias, percepções e identificações com os locais que frequenta diariamente. Neto e Malho (2008, p.3) afirmam que as experiências e os relacionamentos experimentados pela criança em diferentes ambientes desempenham um papel crucial no crescimento e na formação das habilidades de adaptação e competências para interações sociais dinâmicas. Posto isso, a mobilidade se apresenta como meio para que todos os cidadãos possam desfrutar plenamente da cidade (e seus serviços) com dignidade.

No contexto da criança, os desafios são maiores, pois além de investir em infraestrutura urbana equitativa, é preciso pensar em calçadas seguras, ciclovias protegidas, vias bem sinalizadas e áreas de lazer acessíveis adequadas e atrativas ao público infantil, com cores, formas e elementos lúdicos que sejam atrativos aos seus olhares. Para isso, envolvê-las no planejamento de espaços públicos é essencial para a criação de ambientes mais assertivos e que promovam a liberdade de explorar a cidade de forma independente e segura, abrindo espaço para que as suas vozes ecoem na sociedade.

No entanto, para muitas crianças, os deslocamentos na cidade podem ser desafiadores, seja pelo grande movimento do trânsito e falta de sinalização adequada e/ou as condições precárias de transporte público e das ruas, o que demonstra a necessidade de garantir a mobilidade ativa e bem planejada como um direito de todos, principalmente as crianças. Assim, é preciso criar cidades mais amigáveis, onde a locomoção independente e segura, o investimento em infraestrutura urbana adaptada às necessidades das crianças, as políticas de transporte com foco na segurança e no bem-estar delas, assim como o envolvimento ativo na concepção e no planejamento de espaços públicos, são garantidos.

A mobilidade das crianças nos espaços urbanos é um direito fundamental que permite explorar e experimentar a cidade de forma plena, pois ter acesso a locais seguros e bem planejados é essencial para o desenvolvimento social, motor e cognitivo de todo ser humano. Ao caminhar pelas ruas, brincar em parques e utilizar transportes públicos de qualidade, as crianças aprendem sobre o mundo ao seu redor, desenvolvem vivências, habilidades, saberes e se conectam ao lugar.

A CIDADE COMO TERRITÓRIO DO BRINCAR: CONTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS ARAPIRAQUENSES PARA A (RE)QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Após a contextualização de temáticas importantes para o bom desenvolvimento desta pesquisa, a abordagem empírica se deu através da realização de duas escutas com crianças residentes no município de Arapiraca. É importante frisar que as ações seguiram os direcionamentos presentes na 'Cartilha E. I. Criança' (Santos, p. 170) que discorre sobre tipos

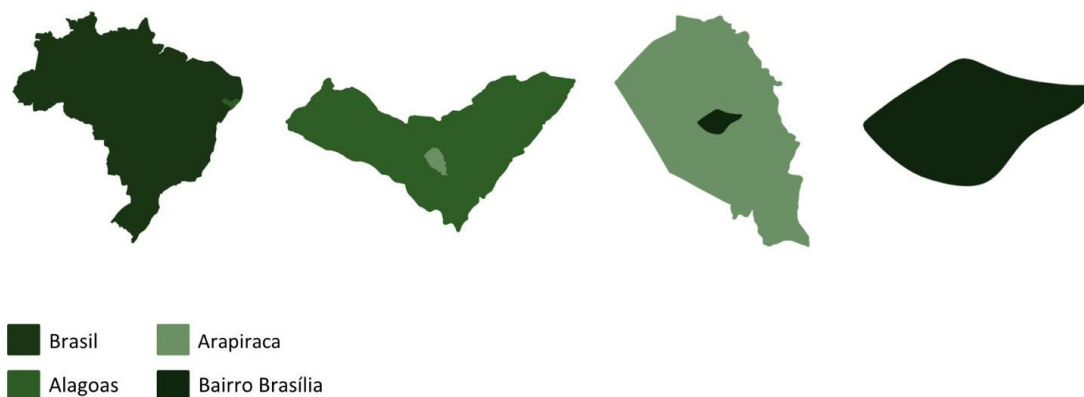
de metodologias adaptáveis para a elaboração e para a execução de processos participativos que envolvem crianças em discussões sobre planejamento urbano.

A seguir, a descrição do planejamento das atividades de escutas elaboradas para o presente estudo, intitulado 'A CIDADE COMO TERRITÓRIO DO BRINCAR: CONTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS ARAPIRAQUENSES PARA A (RE)QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO':

É válido frisar que o objetivo foi o de coletar as opiniões e as experiências de crianças de 6 e 7 anos residentes em Arapiraca, focando especialmente em suas percepções sobre a cidade, partindo do que experienciam diariamente no trajeto que fazem de casa para a escola e a forma de transporte utilizado. A atividade reforça a importância de ouvir as crianças desde cedo para que possam exercer seus papéis de cidadãos, contribuindo assim para a definição de políticas públicas que atendam melhor às suas necessidades e expectativas na cidade.

Fundamentando-se nos conceitos estudados, a metodologia baseia-se numa ação de escuta padrão com crianças de uma escola da rede pública e uma privada localizadas no bairro Brasília, da cidade de Arapiraca, Alagoas, que incluiu crianças do 1º ano do Ensino Fundamental com idades entre 6 e 7 anos. O bairro foi escolhido como recorte territorial de estudo por conta da sua localização, com residências e edificações comerciais próximas, possibilitando analisar os impactos urbanos em crianças que vivem na mesma área, mas com diferentes condições socioeconômicas. A escolha dessas escolas ocorreu devido à proximidade uma da outra, com apenas 350 metros de distância, tendo um percurso a pé de 5 minutos.

Figura 01: Localização



Fonte: Autoral (2024)

As aplicações foram conduzidas sob a supervisão dos professores das turmas e ministradas pelas pesquisadoras encarregadas do estudo, sendo conduzidas nos dias 12 e 17 de junho de 2024. Na Escola de Ensino Fundamental 31 de Março, de rede pública, participaram 15 alunos, enquanto na Escola de Educação Básica Castelo Encantado, de rede privada, foram 11 alunos, totalizando 26 crianças questionadas.

O uso de desenhos como ferramenta de coleta de dados, proporcionou uma participação lúdica e inclusiva, em que as crianças puderam expressar suas percepções e suas experiências. Os materiais utilizados foram: lápis de cor, grafite e folhas de tamanho A5. As crianças foram questionadas sobre seus trajetos de casa para a escola, seus gostos e desgostos nesse percurso, o meio de transporte utilizado e quem as acompanha e, além disso, puderam expressar o que desejariam que existisse nesse trajeto. Mais uma vez, reforça-se que o roteiro da pesquisa foi o mesmo para ambas as escolas, a fim de garantir a consistência na coleta de informações e para que, posteriormente, seja possível a aplicação em outras instituições de ensino a fim de obter mais dados. Durante o processo, foi estabelecido um ambiente seguro e participativo, encorajando as crianças a compartilharem suas opiniões, refletirem sobre suas rotinas diárias e interações com o ambiente urbano.

PASSO A PASSO

A seguir, são apresentados os passos desenvolvidos, com divisão em etapas e estimativa de tempo de realização para um melhor entendimento:

1. **Preparação:** No primeiro dia de pesquisa, as pesquisadoras tiveram um encontro com os coordenadores e os professores das turmas escolhidas para participar do projeto, a fim de analisar a aplicabilidade da atividade, considerando a realidade específica das turmas para possíveis ajustes. Durante esse encontro, também foram entregues os termos de assentimento e consentimento para as crianças e seus responsáveis, além do roteiro detalhado da pesquisa, garantindo que todos os aspectos éticos e práticos estivessem alinhados para o desenvolvimento do estudo em Arapiraca.
2. **Apresentação** (duração - 15 minutos): No segundo dia, após a autorização da escola, as pesquisadoras apresentaram o objetivo da pesquisa aos alunos, explicando o propósito de sua presença e detalhando a atividade que seria desenvolvida. Durante esta fase, foi dedicado um momento para discutir as funções de um arquiteto e a importância da participação das crianças nas decisões relacionadas à cidade. Além disso, ocorreram a distribuição dos Termos de Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecidos para as crianças e seus responsáveis.
3. **Aplicação** (duração - 30 minutos): No terceiro dia, dia da aplicação, as pesquisadoras conversaram com as crianças sobre os espaços urbanos que elas frequentam, com foco especial na praça e na escola. Durante essa interação, as crianças foram estimuladas a expressar suas opiniões sobre as necessidades da cidade onde vivem e a compartilhar o que sentem falta ou o que gostariam de ter nesse ambiente urbano, a partir da sua própria perspectiva. Depois de incentivar as crianças a falarem sobre a cidade e sobre os espaços públicos que acessam, elas foram convidadas a desenhar sobre:
 - 'O que mais gosto no trajeto casa-escola?';
 - 'O que menos gosto no trajeto casa-escola?';
 - 'De que forma chego na escola?';
 - 'O que gostaria de ver durante esse percurso?'.

Esses desenhos representam as demandas da infância para o espaço público, focando na mobilidade e nos equipamentos públicos. Neste momento, os pesquisadores não interferiram no processo criativo, apenas auxiliaram no uso dos materiais e responderam dúvidas que surgiram.

4. **Discussão** (duração - 25 minutos): Com os desenhos feitos pelas crianças, as pesquisadoras escutaram atentamente o que cada uma delas expressou em suas criações. As ilustrações não apenas refletiram as percepções individuais das crianças sobre a cidade, mas também permitiu que elas desenvolvessem novas perspectivas sobre como viver, brincar e participar ativamente do ambiente urbano. Este processo revelou informações importantes sobre as necessidades e os desejos das crianças em relação aos espaços públicos, destacando a importância de considerar suas visões na formulação de políticas urbanas que verdadeiramente as incluam.

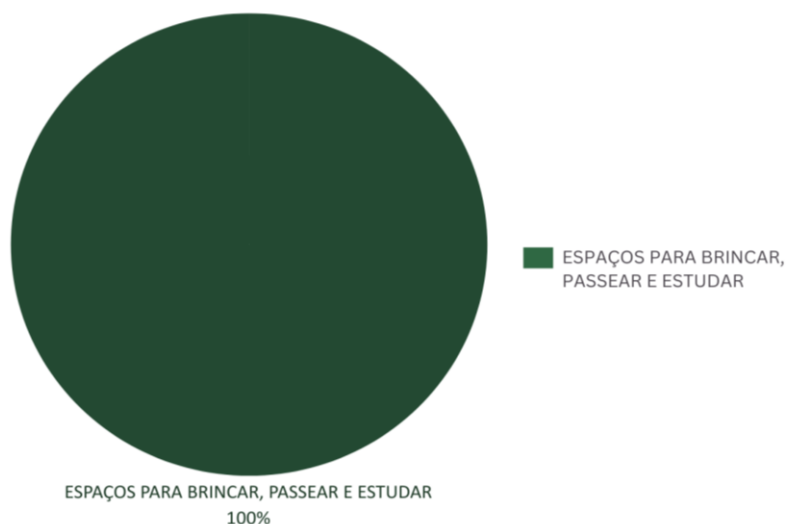
AS CRIANÇAS DA ESCOLA FUNDAMENTAL 31 DE MARÇO, ARAPIRACA-AL

A aplicação realizada na Escola de Ensino Fundamental 31 de Março, em Arapiraca, teve como objetivo compreender as opiniões e as percepções das crianças sobre a mobilidade urbana e os espaços públicos na cidade. Os dados foram coletados no dia 12 de junho de 2024 às 13 horas, e dos que estavam presentes, apenas uma criança não foi autorizada pelos pais para participar da pesquisa, tendo então a participação de 15 alunos com idades entre 6 e 7 anos, do 1º ano do Ensino Fundamental.

A seguir, serão apresentados os dados coletados que foram sistematizados no formato de gráficos, acompanhados de mosaicos com os desenhos das crianças.

Para a pergunta “O que mais gosto no trajeto casa-escola?” (Gráfico 01), das 15 crianças participantes: 100% (15) responderam que gostam de espaços de lazer, como: espaços para passear e para brincar, como os parques e as praças, e locais que possibilitam a prática esportiva, como academias ao ar livre e campo de futebol (Figura 02):

Gráfico 01: O que mais gosto no trajeto casa-escola?



Fonte: Autoral (2024)

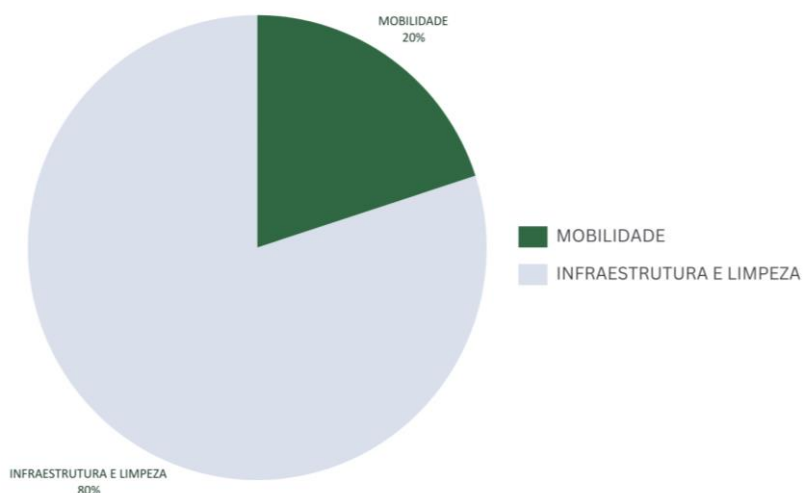
Figura 02: Mosaico de desenhos I



Fonte: Autoral (2024)

Para a pergunta “O que menos gosto no trajeto casa-escola?” (Gráfico 02), das 15 crianças participantes: 20% (3) responderam que não gostam do trajeto; 80% (12) relataram aspectos provenientes da falta de infraestrutura e limpeza, como buracos nas ruas e lixo (Figura 03). Além disso, foram narrados alguns problemas nos espaços para brincar próximos ao local onde moram, como a inexistência destes, assim como a quantidade de animais de rua.

Gráfico 02: O que menos gosta no trajeto casa-escola?



Fonte: Autoral (2024)

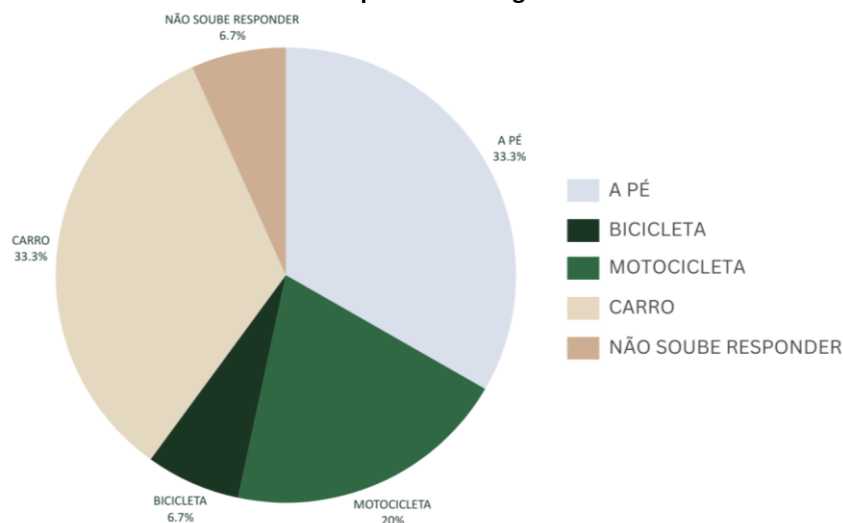
Figura 03: Mosaico de desenhos II



Fonte: Autoral (2024)

Para a pergunta “De que forma chego na escola?”, das 15 crianças participantes: 33,3% (5) se deslocam a pé; 33,3% (5) citaram que vão para a escola de carro; 20% (3) fazem esse trajeto de moto; 6,7% (1) vão de bicicleta junto com seu responsável; 6,7% (1) não souberam responder (Gráfico 03 e Figura 04).

Gráfico 03: De que forma chego na escola?



Fonte: Autoral (2024)

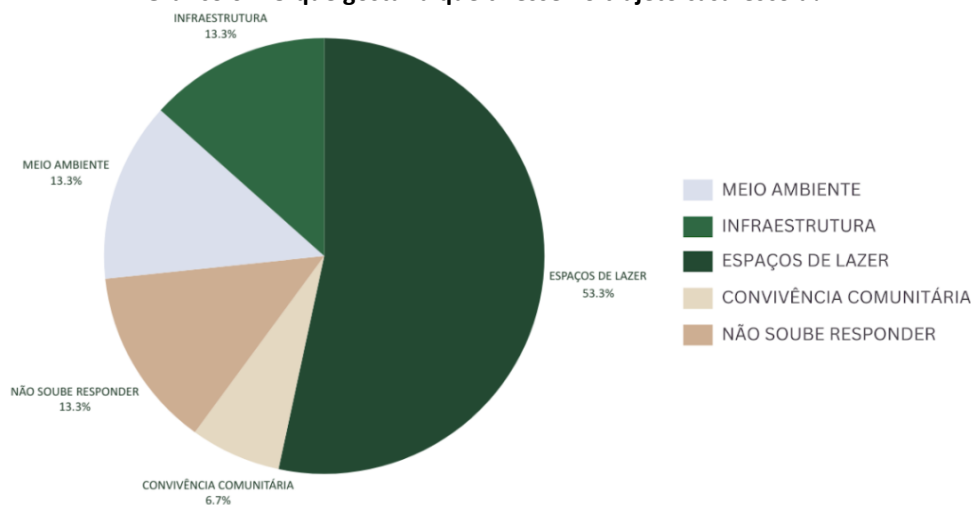
Figura 04: Mosaico de desenhos III



Fonte: Autoral (2024)

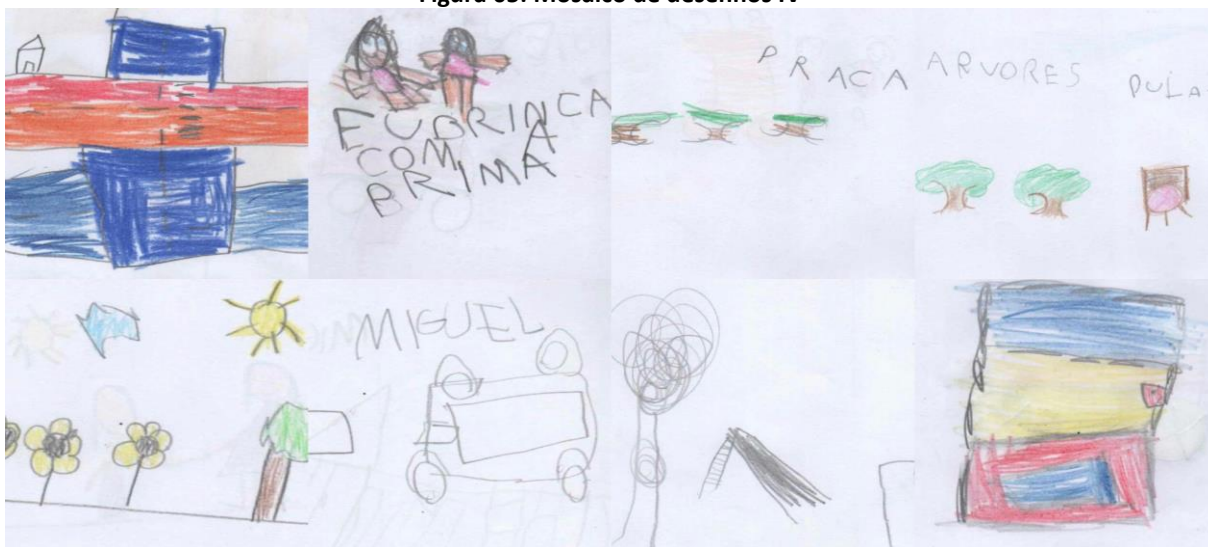
Para a pergunta “O que gostaria de ver durante esse percurso?” (Gráfico 04 e Figura 05), das 15 crianças participantes: 13,3% (2) propuseram melhorias relacionadas à infraestrutura, como ruas pavimentadas e acessíveis; 53,3% (8) citaram soluções referentes aos espaços para passear e para brincar, como mais parques e mais praças, academias ao ar livre e melhores condições dos equipamentos públicos da cidade; 13,3% (2) trouxeram soluções sobre o meio ambiente, como mais árvores e proteção dos animais de rua; 6,7% (1) abordaram uma melhor convivência comunitária como solução; 13,3% (2) não souberam responder.

Gráfico 04: O que gostaria que tivesse no trajeto casa-escola?



Fonte: Autoral (2024)

Figura 05: Mosaico de desenhos IV



Fonte: Autoral (2024)

Após analisar os dados, percebeu-se que:

Um dos principais pontos levantados pelas crianças da Escola de Ensino Fundamental 31 de Março foi a ausência de praças próximas às suas residências. A falta desses espaços limita significativamente suas opções de lazer e atividades ao ar livre, tornando a escola o único ambiente disponível para lazer e para socialização. Essa situação não só restringe as oportunidades de brincadeira e de interação social das crianças, mas também aponta para uma carência de infraestrutura pública adequada nas proximidades de onde vivem.

A maioria dos alunos mencionou que costuma ir para a escola a pé, destacando a importância de ter caminhos seguros, acessíveis e bem conservados. Um deles relatou “Minha mãe não me deixa ir para as praças perto de casa” e ressaltou a percepção da família em relação à insegurança urbana, deixando nítido o quanto isso influencia diretamente nas interações das crianças com a cidade. As crianças ainda relataram vários problemas com os caminhos, como a presença de lixo e de buracos, que não só representam riscos físicos, mas também o bem-estar no trajeto diário para a escola. Um ponto levantado foi a preocupação com o bem-estar dos animais, indicando uma sensibilidade entre as crianças.

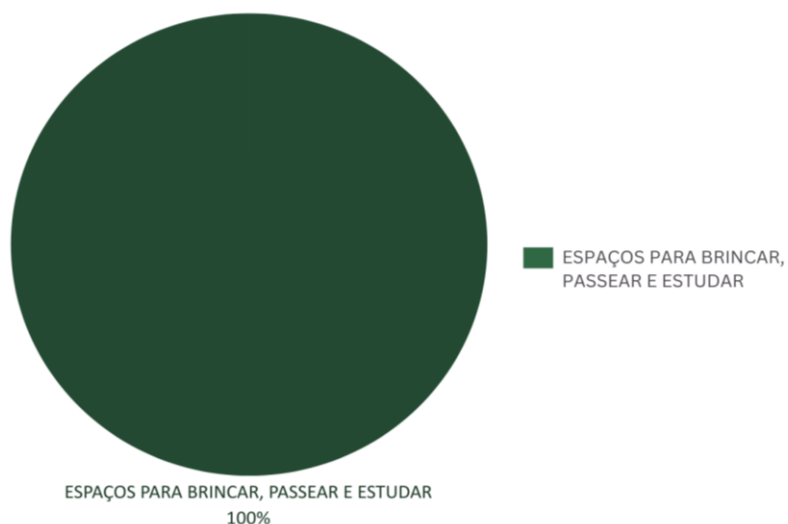
Por fim, as crianças expressaram um desejo por mais equipamentos e por mais áreas de lazer, bem como por mais espaços abertos para atividades como andar de bicicleta e passear. Essas demandas sublinham a necessidade de uma intervenção pública que traga melhorias à infraestrutura urbana, garantindo que todas as crianças tenham acesso a ambientes seguros e estimuladores para o seu desenvolvimento.

AS CRIANÇAS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA CASTELO ENCANTADO, ARAPIRACA-AL

A aplicação realizada de forma presencial com os 11 alunos entre 6 e 7 anos, do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica Castelo Encantado, em Arapiraca, teve seus dados coletados em 17 de junho de 2024, e todos os alunos presentes foram autorizados a participar.

Para a pergunta “O que mais gosto no trajeto casa-escola?” (Gráfico 05), das 11 crianças participantes: 100% (11) responderam que gostam de espaços de lazer, como os parques e as praças e os locais de estudo e esportes (Figura 06).

Gráfico 05: O que mais gosto no trajeto casa-escola?



Fonte: Autoral (2024)

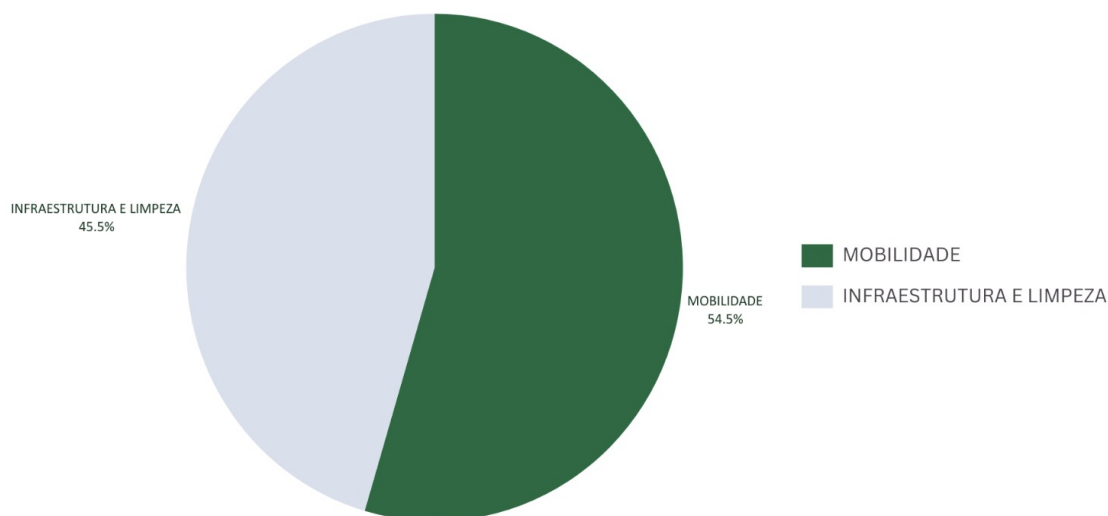
Figura 06: Mosaico de desenhos V



Fonte: Autoral (2024)

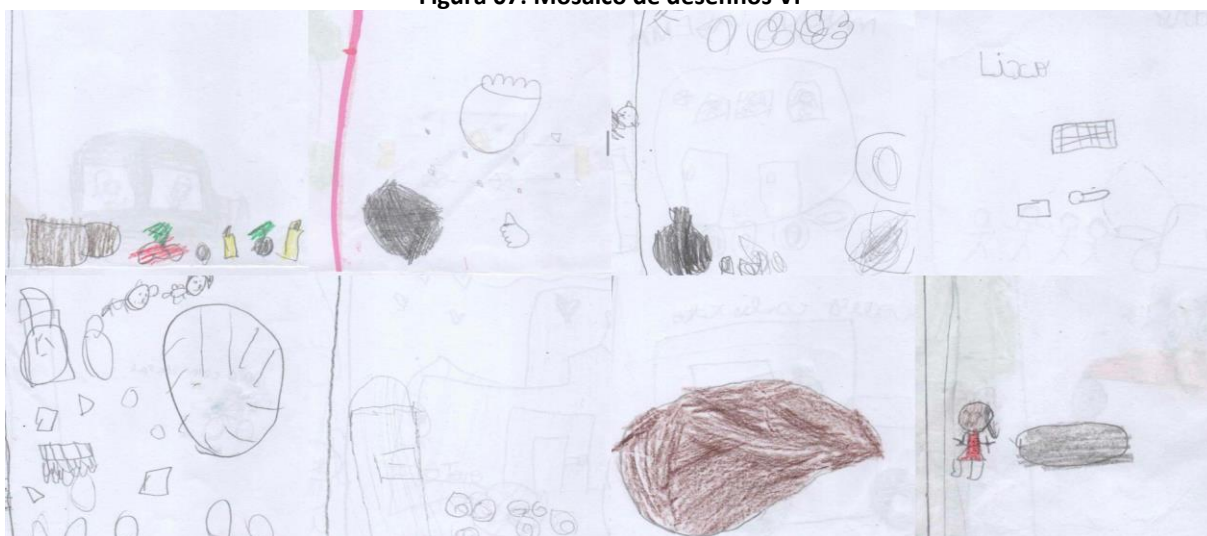
Para a pergunta “O que menos gosto no trajeto casa-escola?” (Gráfico 06 e Figura 07), das 11 crianças participantes: 54.5% (6) responderam que não gostam da mobilidade, como a presença de buracos nas ruas, que são resultados da baixa qualidade do asfalto urbano, atrapalhando a locomoção; 45.5% (5) relataram problemas de infraestrutura e limpeza.

Gráfico 06: O que menos gosta no trajeto casa-escola?



Fonte: Autoral (2024)

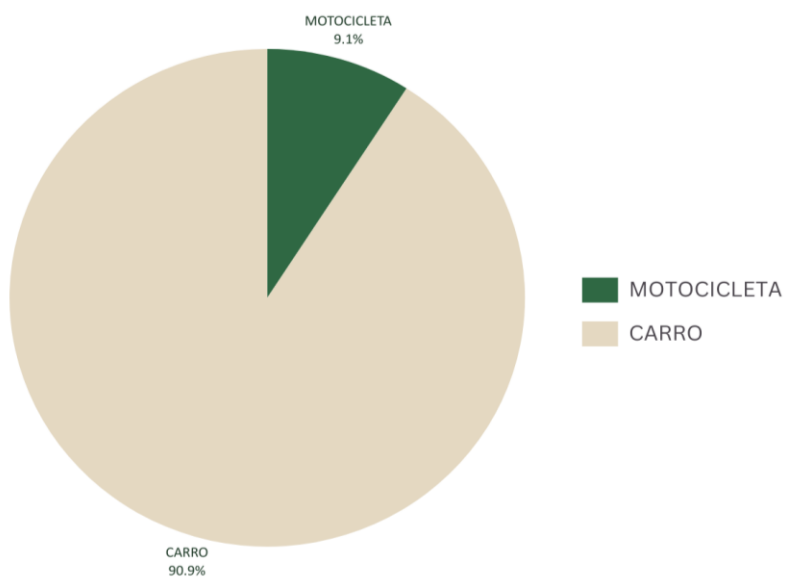
Figura 07: Mosaico de desenhos VI



Fonte: Autoral (2024)

Para a pergunta “De que forma chego na escola?” (Gráfico 07 e Figura 08), das 11 crianças participantes: 90.9% (10) citaram que vão para a escola de carro; 9.1% (1) fazem esse trajeto de motocicleta.

Gráfico 07: De que forma chego na escola?



Fonte: Autoral (2024)

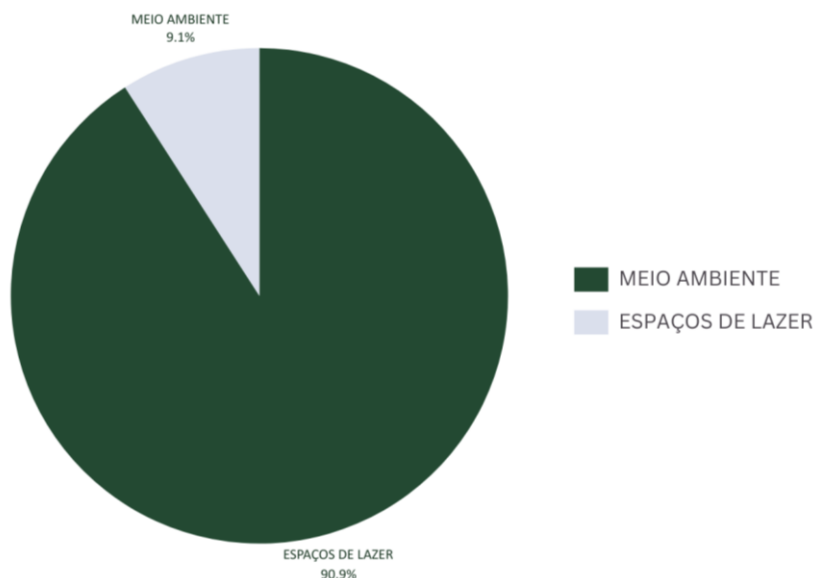
Figura 08: Mosaico de desenhos VII



Fonte: Autoral (2024)

Para a pergunta “O que gostaria de ver durante esse percurso?” (Gráfico 08 e Figura 09), das 11 crianças participantes: 90.9% (10) citaram soluções referentes aos espaços de lazer, como parques e praças públicas; 9.1% (1) trouxeram soluções sobre o meio ambiente, como arborização e proteção aos animais de rua.

Gráfico 08: O que gostaria que tivesse no trajeto casa-escola?



Fonte: Autoral (2024)

Figura 09: Mosaico de desenhos VIII



Fonte: Autoral (2024)

Com os dados sistematizados e interpretados, pode-se chegar nas seguintes observações:

Os alunos da Escola de Educação Básica Castelo Encantado demonstraram ter acesso mais frequente às praças próximas de suas residências, mas evidenciaram a insuficiência destes espaços e pontuaram aspectos negativos de infraestrutura, como parquinhos, mobiliários e

iluminação precária. De negativo no trajeto, discorreram sobre lixos nas ruas, esgotos à céu aberto, buracos e a falta de sinalização.

Vê-se que existe um reconhecimento da importância de intervenções públicas para garantir que todos os espaços sejam seguros, bem cuidados e acessíveis para todas as crianças da cidade. Portanto, ao considerar as perspectivas das crianças no planejamento urbano, é crucial reconhecer e implementar estratégias para assegurar que todas as crianças tenham acesso equitativo a espaços seguros e de qualidade para a promoção de uma cidade mais inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão da voz das crianças na formulação de políticas urbanas não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma estratégia essencial para garantir o desenvolvimento das cidades. Quando as necessidades e perspectivas desses indivíduos são consideradas desde cedo, o planejamento urbano se torna mais equitativo, adaptado às demandas de todas as faixas etárias e mais consciente das necessidades futuras da população. Ao envolvê-las nas discussões sobre o ambiente urbano, não apenas se promove um espaço mais inclusivo e mais seguro para brincarem e para interagirem, mas também fortalece o senso de pertencimento à comunidade. Neste sentido, com o desenvolvimento desta pesquisa, pôde-se perceber as dificuldades dos cotidianos de uma pequena parcela das crianças da cidade de Arapiraca, mas também se chegou em apontamentos para ações concretas que podem ser tomadas para melhorar a qualidade de vida desses pequenos cidadãos.

Ao analisar as escutas, ficou evidente que os alunos da Escola 31 de Março não possuem praças próximas de suas residências, ao contrário da realidade das crianças da rede privada, refletindo desigualdades no acesso a espaços públicos. Esse dado é particularmente importante, pois revela uma disparidade no que diz respeito às oportunidades de lazer e de recreação, essenciais para o desenvolvimento infantil.

Um ponto bastante relevante é a preocupação que as crianças da rede pública têm em relação à mobilidade na cidade. Devido a dependência predominante da ida a pé para chegar à escola,

essas crianças expressaram um claro desejo por melhorias na acessibilidade urbana. Pontuaram a presença de obstáculos no caminho, como buracos e lixos e a dificuldade em caminhar e andar de bicicleta, destacando a importância de infraestruturas adequadas para pedestres, com calçadas seguras e com ciclovias bem conectadas.

Ambas reconheceram os desafios nas condições de mobilidade e a falta de segurança nas ruas, e o quanto interferem diretamente em seus deslocamentos pela cidade. Ainda expressaram a necessidade de ter mais opções de recreação e entretenimento durante seus deslocamentos, seja para a escola ou em outras atividades cotidianas, assim como o desejo por parques equipados adequadamente, com maior variedade de brinquedos e paisagismo, e o desconforto diante de casos de maus-tratos a animais encontrados nas ruas, o que revela a sensibilidade das crianças em relação ao bem-estar dos animais.

Em conclusão, vê-se que percepções das crianças podem revelar aspectos do ambiente urbano que podem passar despercebidos pelos adultos, proporcionando entendimentos valiosos que ajudam na construção de políticas públicas mais eficazes e adaptadas às necessidades locais. Este estudo ofereceu uma visão detalhada das experiências e das vivências de uma pequena porção das crianças de Arapiraca, oportunizando acessar uma outra perspectiva do lugar, diferente dos adultos, com seus pontos positivos, negativos e soluções para a criação de um ambiente urbano mais justo e acolhedor para todos os seus habitantes.

Ao promover a participação infantil na vida urbana, constroem-se não apenas cidades mais inclusivas, mas também um futuro onde cada indivíduo, desde tenra idade, sinta-se parte ativa e responsável pela cidade em que vive.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Atlas, 1991. 30 p. Art. 17.

NETO, Carlos; MALHO, Maria João. ***Espaço urbano e independência de mobilidade na infância***. Boletim do IAC, Lisboa, n. 73, separata n. 11, p. 1-4, 2004. Disponível em: <http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textoscn/espacourbano.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In (Org.). **3C – Crianças, Cidades, Cidadania**. Braga: Universidade do Minho; IEC.

SANTOS, A. C. ***A Cidade Ideal: um olhar sob a óptica infantil quanto a forma de se perceber e pensar os espaços urbanos***. 2022. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Cultura) – Curso Arquitetura – Universidade Estadual de Alagoas, Arapiraca, Alagoas, 2022.